

37 Encontro Anual da ANPOCS
23 a 27 de setembro de 2013, Águas de Lindoia, São Paulo

ST21 Migrações, trabalho e capitais

Coordenação: Maria Catarina Zanini (UFSM), José Renato de Campos Araújo (USP)

Título trabalho:

Políticas Públicas de Ensino Superior: análise do impacto da formação universitária de africanos no Brasil através do PEC-G no retorno aos países de origem

Autora: Nara Maria Emanuelli Magalhães

Doutora Antropologia Social/ UFRGS

nara.magalhaes@yahoo.com.br

Políticas Públicas de Ensino Superior: análise do impacto da formação universitária de africanos no Brasil através do PEC-G no retorno aos países de origem

Autora: Nara Maria Emanuelli Magalhães

Doutora Antropologia Social/ UFRGS

nara.magalhaes@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa realizada com apoio CNPq¹, a qual envolveu a realização de missões científicas a três países africanos de língua portuguesa: Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau. O objetivo era conhecer a o contexto de retorno aos países de origem, de estudantes formados no Brasil através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Este programa prevê o apoio para a formação de estudantes africanos e latino-americanos em nível de graduação em universidades brasileiras, os quais depois de diplomados devem retornar seus países de origem para auxiliar no seu desenvolvimento.

Considera-se que estes estudantes, durante o período de formação no Brasil, vivem uma situação de migração temporária, com todos os conflitos e estranhamentos daí decorrentes. Esse contexto tem conseqüências para seus estudos, seu entrosamento no ambiente universitário e na sociedade como um todo, que procuramos conhecer através da pesquisa. Mas o foco do estudo era dimensionar o impacto dessa formação nos países de origem.

A importância do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação é inegável, e pode ser verificada pelo seu histórico de existência desde 1960, e também pelo envolvimento de dois Ministérios (MEC e MRE) do governo brasileiro em seu acompanhamento e implementação. Aliada a esta importância em nível nacional e internacional, ressaltamos a importância de estudar mais a fundo os dados locais, ao aliar estudos sobre as experiências dos estudantes-convênio na UFRGS e sua atuação no retorno aos seus países de origem.

Com a pesquisa realizada, pela primeira vez se propôs uma análise sobre os impactos dessa formação, através de um projeto que contou com atividades de intercâmbio com pesquisadores locais, realização de eventos conjuntos, observações, e realização de entrevistas com profissionais formados pelo PEC-G no Brasil. Nas

¹ Refiro-me à Pesquisa intitulada: “Cidadania, Migrações Temporárias, Racializações e Juventude: o impacto do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) na Formação de Lideranças e Desenvolvimento de Países Africanos”, realizada com apoio CNPQ, nos anos de 2010-2011. A pesquisa contou com a realização de Missões a três países africanos de língua portuguesa, por uma equipe assim constituída: Nara Magalhães, autora e proponente da proposta; Andréa Benites, Vice Pró-Reitora de Graduação UFRGS; Denise Jardim, Profa. Depto. Antropologia da UFRGS e Cristian Salaini, então doutorando em Antropologia UFRGS. Em cada um dos países visitados, contamos com uma coordenação local: em Moçambique, Dulce Mungoi; em Cabo Verde, Adilson Lopes; em Guiné-Bissau, José Fernandes Júnior.

entrevistas, buscou-se conhecer as mudanças individuais e sociais ocasionadas pela inserção do estudante nesse Programa, qual era sua expectativa quanto ao lugar de destino, como foi o contato com a realidade encontrada, e os novos desafios que enfrentou no período de retorno ao país de origem. Assim, pudemos observar e proporcionar uma escuta de ricas trajetórias, que demonstram os aprendizados e experiências, mas também os relatos de estranhamentos encontrados no contexto de destino em relação ao universo de origem dos imigrantes, do seu próprio ponto de vista.

Tratando-se o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) de uma das políticas públicas na área da educação, realizar uma pesquisa desse porte significa refletir sobre seus resultados, e dimensionar as possíveis transformações ocorridas após a diplomação e retorno ao país de origem. Entre os objetivos do programa PEC-G está o de promover a formação de estudantes, oriundos de diversos países africanos e latino-americanos com baixo índice de desenvolvimento, para que os profissionais depois de formados em várias áreas do conhecimento atuem no seu país de origem contribuindo para mudar esta realidade. Por isso, é importante verificar em que dimensão maior ou menor isso vem acontecendo.

A pesquisa sobre os dados da UFRGS, junto ao estudo de outras Instituições de Ensino Superior, contribuirá para compor um quadro nacional e internacional sobre os resultados do PEC-G frente aos índices de desenvolvimento dos países em questão.

O contexto atual de diversidade cultural² propicia uma mobilidade intensa de estudantes nacional e internacionalmente. Compreender o estudante-convênio da UFRGS também significa situá-lo em suas diversas redes de intercâmbio e ampliar o campo de observação e análise para as repercussões que a trajetória no Brasil potencializa a partir da escuta de trajetórias relativas ao retorno do diplomado.

Em que consiste e quais os objetivos da Política Pública PEC-G:

O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) consiste num dos instrumentos de cooperação educacional que o governo brasileiro oferece a outros países em desenvolvimento, especialmente da África e da América Latina (recentemente vem sendo ampliado a outros países asiáticos e caribenhos). É um Programa que existe desde

² A respeito de um debate sobre o contexto de diversidade cultural próprio das sociedades contemporâneas, em que as diferenças se confrontam face a face em seu interior, e não mais entre sociedades distantes, ver Geertz (1999).

os anos 60, desenvolvido com base na assinatura de Protocolos conjuntos, com prazos indeterminados, entre dois Ministérios: o da Educação (MEC), com a participação das Instituições de Ensino Superior (IES), e o Ministério das Relações Exteriores (MRE), com a participação das Missões diplomáticas e Repartições consulares. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é uma das Instituições de Ensino Superior (IES) que participa dessa cooperação internacional, recebendo estudantes de vários países da África e da América Latina. O primeiro estudante-convênio foi recebido na UFRGS em 1962. Desde então, já passaram pela Universidade mais de 1.163 estudantes convênio.

No período de realização da pesquisa, havia cerca de 70 estudantes-convênio matriculados, dentre os quais a maioria estudantes africanos, por isso a escolha desse universo, com a proposição de contribuir para compreender qualitativamente a trajetória do estudante-convênio africano na Universidade e fora dela.

Entre os objetivos do programa PEC-G está o de promover a formação de estudantes, oriundos de diversos países africanos e latino-americanos com baixo índice de desenvolvimento, para que os profissionais depois de formados em várias áreas do conhecimento atuem no seu país de origem contribuindo para mudar esta realidade.

Nesse longo período em que vigoram os acordos internacionais que fundamentam a vinda dos estudantes africanos para o Brasil, vários estudos já foram realizados sobre o estudante-convênio da UFRGS, mas em geral de modo pontual e restrito a algumas áreas de conhecimento³. As dinâmicas relativas ao retorno, sobre o estímulo ou influência dos diplomados nos programas de intercâmbio na sociedade de origem ainda não eram acessíveis. Tal percurso exige uma reflexão sobre um universo mais amplo, das trajetórias dos jovens e das formas como lideranças são constituídas na sociedade de origem, como sugere Uriarte (2009).

É importante dimensionar o impacto da formação universitária e ingresso na pesquisa científica através desse programa, considerando-o uma experiência de imigração temporária (Mungoi, 2006). Além disso, é necessário conhecer mais a respeito da formação acadêmica realizada no Brasil e o que essa tem aportado na formação de lideranças no que tange à comunidade acadêmica nos países africanos que participam desse convênio, a partir de uma escuta sobre a situação de retorno ao país de origem.

³ Refiro-me a alguns Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e Monografias de especialização, como é o caso do estudo na área de Psicologia, realizado por Andrade (2008).

Indaga-se sobre qual o horizonte que essa formação oferece para o desenvolvimento de ciência e tecnologia nos países de África, após a diplomação e retorno ao país de origem.

As atividades de cooperação da pesquisa foram orientadas para viagens exploratórias, visando conhecer o universo dos diplomados e acessar a rede de relações que mobiliza os potenciais candidatos a intercâmbio em cada país visitado.

Essa análise permite aprofundar a compreensão da trajetória do estudante-convênio, e verificar em que medida os objetivos propostos pelo programa estão sendo alcançados. Além do intercâmbio de pessoas, entendemos que a reflexão sistemática sobre os impactos recíprocos e subjetivos na formação de diplomados nos contextos nacionais de origem podem ser melhor conhecidos através desse tipo de experiência. Além disso, possibilita verificar as diversas formas de inserção no mercado de trabalho e os desafios enfrentados pós-diplomação.

Entendemos que tais dimensões propiciam uma melhor compreensão do alcance de programas de intercâmbio como este e, da mesma forma, permitem colocar em circulação a diversidade de experiências relativas à consolidação da comunidade acadêmica nos países africanos.

O contexto atual de diversidade cultural propicia uma mobilidade intensa de estudantes nacional e internacionalmente. Compreender o estudante-convênio da UFRGS também significa situá-lo em suas diversas redes de intercâmbio e ampliar o campo de observação e análise para as repercussões que a trajetória no Brasil potencializa a partir da escuta de trajetórias relativas ao retorno do diplomado.

Essa será uma oportunidade para que pesquisadores africanos, que já participaram de convênio e analisaram o percurso de graduandos e pós-graduandos de países de língua portuguesa (Mungoi: 2006), possam retomar a pesquisa sobre estudantes convênio de programas como o PEC-G à luz de outras questões, prioritariamente, sobre a circulação internacional e a formação de lideranças de jovens a partir da imigração entre países do continente africano e americano.

As Missões Científicas e a (in)visibilidade de saberes africanos contemporâneos:

Durante a realização das missões científicas, procuramos examinar os percursos migratórios dos jovens que procuram formação através deste convênio. Também realizamos observações, intercâmbio com pesquisadores locais, além de entrevistas com os estudantes formados, buscando melhor conhecer o impacto ocasionado pela sua

inserção nesse Programa. Buscou-se conhecer os novos desafios que enfrentam no período de retorno e os modos como a experiência imigratória reorganiza suas trajetórias pessoais.

Considerando esse estudante como um cidadão em situação de migração temporária, tratamos de alguns dos dilemas envolvidos nessa busca de formação, as peculiaridades de suas trajetórias, as expectativas antes da travessia e as experiências acumuladas após sua realização. Buscava-se conhecer o impacto ocasionado pela inserção no Programa para esses jovens, bem como analisar quais os novos desafios que encontram no período de retorno e os modos como a experiência imigratória temporária reorganiza a trajetória desses diplomados. De outro lado, questionava-se sobre qual seria o universo das escolhas profissionais e laborais disponíveis aos jovens nos países de língua portuguesa na África, considerando que o ingresso na carreira acadêmica no Brasil poderia ser uma possibilidade entre outras. Buscou-se o acesso à rede de relações que conduz à inscrição consular, a fim de conhecer os intercâmbios disponíveis, e as demais alternativas cotejadas pelos candidatos nos países de origem.

Buscando entender a situação do estudante-convênio como um sujeito que sai de seu país e de sua cultura, e se vê imerso em outra, buscamos compreender como o estudante-convênio se auto-referencia: será um estudante estrangeiro, um imigrante temporário, uma pessoa vivendo numa situação de fronteiras culturais? Em que medida essas categorias são importantes? Acreditamos que elas podem fornecer pistas da maneira como o estudante se sente na universidade, as dúvidas e dificuldades de entrosamento às quais está sujeito⁴. Percebemos que falar a respeito no retorno poderia ser mais tranquilo, e propiciar ao diplomado uma análise distanciada que nos permitisse compreender o ingressante de hoje.

Esperávamos que outras questões pudessem adquirir significação que merecesse nossa atenção ao longo da pesquisa, entre elas as questões étnico-raciais. Tratando-se de estudantes-convênio africanos, queríamos verificar até que ponto a categoria raça poderia se mostrar importante para compreender a inserção do estudante no curso, seu

⁴ Para uma discussão sobre o deslocamento como parte do método antropológico para compreender as diferenças culturais, ver James Clifford. Para abordagens sobre dinâmicas em sociedades complexas, ver análises de Oliven (1986 e 2002) e Gilberto Velho (1994), entre outros. Na análise das “fronteiras” erguidas entre grupos, que podem ser espaciais ou simbólicas, ver abordagem de Feldman-Bianco (2000) a respeito de identidades e migrações contemporâneas (2000). Ver também Jardim e Magalhães (2009).

entrosamento com colegas e professores, seu desempenho acadêmico. Mas nas conversas com os diplomados essa questão não apareceu com tanta ênfase.

Nos estudos sobre tais experiências e como são reavaliadas no retorno ao país de origem, revelaram-se novos contornos conferidos às experiências vivenciadas durante seu período de diplomação: mais do que as questões étnico-raciais, emergiu na análise uma preocupação com os *saberes africanos*: até que ponto as universidades que recebem este estudante estão preparadas para reconhecer a existência de diferentes saberes? Além dos saberes tradicionais, como o domínio de diferentes línguas - um único sujeito podendo ser falante de pelo menos três línguas étnicas - os estudantes também trazem alguns saberes urbanos contemporâneos em suas trajetórias. Estes vão desde contatos em rede mundial com familiares “migrados”, acesso às tecnologias acessadas pelos jovens estudantes de toda parte, até estudos de informática ou similares. Eles podem já ter estudado um ano ou dois de um Curso de nível universitário antes de conseguir a vaga para estudar no Brasil.

O estudo reforça a consideração das “identidades” como algo dinâmico, que não pode ser tomado de forma estanque, e sim como num jogo de identificações situacionais em que a experiência vivida, no caso do engajamento em uma imigração temporária, fornece novos parâmetros para a reflexão identitária.

Na realização do estudo, procuramos voltar nosso olhar para dados considerados inusitados no Brasil sobre os países africanos, em geral vistos de forma homogênea e pelo aspecto negativo de lacunas e faltas. Nessa perspectiva, o continente africano é considerado como um todo, e os países que dele fazem parte, com suas diferenças e singularidades, pouca visibilidade adquirem. Por isso, nossa observação procurou ressaltar os sinais contemporâneos, urbanos, destacando mais as semelhanças entre os países visitados e o Brasil, do que as diferenças. A escolha se justifica: os sinais diacríticos seriam vários, mas evidenciariam de novo o exotismo, e o distanciamento entre o modo de vida “deles” e o “nosso”, aprofundando as desigualdades. Ao destacar as semelhanças queremos por contraste dizer: eles são iguais a nós, e merecem ser respeitados em suas diferenças (Novaes, 1993).

Por isso, ressaltamos os cenários de percepção das fronteiras (simbólicas) próximas entre países africanos e outros países do continente europeu e do caribe. Também o desenvolvimento dos centros urbanos (que não se faz sem conflitos e contrastes), além do crescimento de uma comunidade científica e universitária, cujas

primeiras gerações se diplomaram fora, mas que gradativamente ganham autonomia. A intenção é dizer: eles poderiam ser considerados em nossos contextos universitários como mais semelhantes a nós, de modo que pudéssemos aprender mais com as diferenças que trazem na bagagem. Com esta intenção, expomos a seguir os cenários observados em cada país, a partir de dados sobre o sistema educacional, entrevistas com os formados⁵ e alguns indicadores de desenvolvimento observados.

Moçambique⁶:

Atualmente, o país conta com um total de 38 Instituições de Ensino Superior, entre estas 10 são Universidades, majoritariamente privadas. Na capital do país, a cidade de Maputo, estão localizadas quatro (4) Universidades: Universidade São Tomás de Moçambique, Universidade Pedagógica, Universidade Politécnica, e Universidade Eduardo Mondlane (pública), mais sete (7) Institutos de Ensino Superior.

A seleção de alunos para o ensino superior e para inscrever-se ao PEC-G se faz através de um evento organizado especificamente para este fim: uma Feira realizada anualmente, que expõe as oportunidades para os estudantes. O objetivo principal é divulgar locais de formação e emprego para jovens que estão concluindo ensino médio. A feira é realizada em abril/maio, para ingresso na metade do ano. Como o ano letivo no Brasil começa em fevereiro e março, e o Edital em Moçambique sai em abril/maio, no ano em que o aluno se inscreve ele “perde” um ano de estudos. Como a graduação em Moçambique está mais curta (3 anos), só se candidata ao PEC-G o aluno que não conseguiu entrar em uma Universidade/Faculdade local. Com isso, as vagas oferecidas não estão sendo totalmente preenchidas. A demanda maior atualmente é pela Pós-Graduação no Brasil, o que já pode ser considerado um indicador de desenvolvimento do ensino superior.

As entrevistas realizadas com os profissionais formados, atuando em empresas públicas, ministérios, universidades, permitem perceber trajetórias de crescimento, de consolidação de uma geração de pessoas que se formaram pensando em contribuir na

⁵ Cabe ressaltar que foram entrevistadas dez (10) pessoas formadas pelo PEC-G em Moçambique, doze (12) pessoas em Cabo Verde; e quinze (15) pessoas em Guiné-Bissau, além de uma reunião neste último, com aproximadamente 50 profissionais formados relatando sobre sua trajetória.

⁶ Os dados a seguir expostos foram obtidos através de entrevistas e observações realizadas, além de consultas a arquivos digitais públicos das instituições citadas.

educação superior e na produção científica. Interagimos com profissionais formados nas áreas de Ciências Sociais, Comunicação, Letras, Pedagogia, entre outros.

Cabo Verde⁷:

Na década de 90 foram criadas instituições públicas de ensino superior (Cursos Técnicos e Bacharelado), tais como Instituto Superior de Educação (ISE, 1995), Instituto Superior de Engenharias e Ciências do Mar (ISECMAR, 1996) e Instituto Superior de Ciências Econômicas (ISCEE). Em 2001 foi criada a Universidade Jean Piaget, instituição de ensino superior privada, à qual se seguiram outras, também privadas, nas Ilhas de Santiago e de São Vicente.

Em 2006 foi criada a Universidade Pública de Cabo Verde, a Uni-CV, com base na transformação das existentes (extinção de ISE e ISECMAR), e em 2007 o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA) passou a fazer parte da Uni-CV.

Um dado interessante, que demonstra o desenvolvimento do ensino superior no país, é que em 2010 estavam inscritos 10.200 alunos em instituições de ensino superior em Cabo Verde, enquanto havia 6.000 estudantes em cursos no exterior.

As entrevistas realizadas com os formados permitem entrever trajetórias de superação, com apoio da família extensa. Há relatos recorrentes sobre “pais migrantes”, que surgem quando se pergunta se teve apoio dos pais para estudar no Brasil, e a resposta vem rápida, num tom de voz mais baixo: “- Meu pai migrou”; ou “- Meu pai é migrado”. Ao procurar saber mais, aparece na conversa a idéia de um “abandono”: são pais que saíram do país para trabalhar nos EUA e países europeus, especialmente em serviços de marinha e construção civil, e no começo até mantêm contato e enviam alguma ajuda, mas gradativamente acabaram por constituir novas famílias. Os jovens que, apoiados pelas mães, madrinhas, tias, e/ou tios, buscam formação superior fora do país, trazem forte essa idéia de ajudar que ficou e não seguir os passos da primeira geração dos pais que saiu para não voltar.

Em Praia, capital de Cabo Verde, entrevistamos profissionais formados em Economia, Relações Internacionais, Medicina, Direito, Jornalismo, Ciências Sociais,

⁷ Os dados sobre Ensino Superior no país foram obtidos através de entrevistas, em especial com Ministro do Ensino Superior, e observações.

Engenharia, que atuam em Instituições públicas governamentais, como Ministérios e Assembléia assessoria política, educação, INE, empresas privadas (telecomunicações e empresas aéreas).

As inscrições para a seleção PEC-G se fazem através do centro Cultural da Embaixada brasileira, anualmente, e contam com reuniões preparatórias com os selecionados e seus responsáveis, da qual tivemos ocasião de participar de uma. Percebemos, nesse contexto, que a busca pela formação através do PEC-G continua grande e bastante valorizada.

Guiné-Bissau⁸

A história do ensino superior em Guiné-Bissau é cheia de altos e baixos: já em 1979 foi formada a Escola Tchico Té, para formar professores; em 1998 passou a ser Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa, com apoio do Instituto Camões; em 1986 foi formada a Escola Nacional de Educação Física; na área de administração pública foi criado em meados dos anos 80 o CENFA – Centro de Formações Administrativas; que a partir de 2008 criou a Licenciatura.

Para reforçar e demonstrar algo que já começávamos a perceber nas entrevistas, e refletir sobre nossas hipóteses de que o Brasil não é o único parceiro na cooperação educacional, percebemos a presença de Cuba: já em 1986 foi criada a Faculdade de Medicina, com ajuda da “Cooperação Cubana”. Fechado nos anos 90 devido a dificuldades financeiras, o Curso foi reaberto recentemente, em 2004, na estrutura da Universidade Amilcar Cabral;

A Faculdade de Direito, fundada em 1979, em 1990 passou a ser dirigida pela Faculdade de Direito de Lisboa.

A Universidade Amilcar Cabral foi fundada em 1999, como instituição pública, mas devido a dificuldades financeiras, foi assumida pela sua parceira - a Universidade Lusófona de Portugal - e tornou-se instituição privada em 2008: Universidade Lusófona da Guiné.

A inscrição para participar do PEC-G também é feita através do Centro Cultural da Embaixada Brasileira em Bissau, que é bastante atuante. Há grande interesse dos

⁸ Dados obtidos através de entrevistas, observações e também através de trabalhos monográficos sobre os países, como o de Cabral e Sanha sobre a educação superior em Guiné-Bissau.

guineenses na continuidade do PEC-G, assim como houve grande participação dos mesmos na pesquisa.

Do contexto guineense ressaltamos as dificuldades econômicas e políticas que o país atravessa, com sucessivos golpes de estado que trazem grande instabilidade e insegurança, aumentando o interesse em estudar fora, e algumas vezes até a busca de alternativas de vida fora do país.

Entrevistamos pessoas formadas em Letras, Administração, Biologia Marinha, Biologia, Engenharia de Pesca, Contabilidade, Arquitetura, Ciência Política, atuando em Ministérios, Instituto Nacional de Educação, Organizações Não governamentais, Projetos UNESCO e UNICEF, e no Centro Cultural da Embaixada Brasileira.

Na realização das entrevistas percebemos algumas especificidades, como a formação do aluno em Língua Portuguesa com regra culta de Portugal. Há relatos de professores de português que entrevistamos, os quais se referem ao período de estudos no Brasil como um período difícil, a começar pelo fato do aluno ser percebido como alguém que está utilizando a língua de forma “errada”. Muitas vezes o professor sequer conhece as regras da língua na qual esse aluno foi formado. Em outras situações, o estudante ao vir para o Brasil já fazia um curso superior no seu país, estando no primeiro ou segundo ano de estudos, mas essa formação é desconhecida entre nós.

Considerações Finais

As demandas que os diversos países apresentam ao convênio são variadas, assim como as características culturais: em Moçambique já existe a busca por pós-graduação; em Cabo Verde, mesmo com o avanço do ensino superior, a busca por formação no Brasil permanece bastante valorizada; em Guiné Bissau há ainda maior demanda por formação em graduação, mesmo que já comecem a existir alguns avanços na consolidação do ensino superior.

Além de diferenças culturais e especificidades no sistema de ensino em cada país, as questões econômicas também chamam atenção, pois as demandas que os alunos apresentam por Bolsas na Universidade podem ser melhor compreendidas num contexto

em que a moeda do país de origem pode valer mais de cem vezes menos que a moeda do país de destino⁹.

Esperamos, através de dados como este, chamar atenção para alguns resquícios de pensamento de influência norte-americana e/ou européia em nosso cotidiano: sabemos diariamente qual a cotação do euro ou do dólar, mas dificilmente nos dispomos a buscar informações sobre outras realidades consideradas periféricas. Estudos como este podem contribuir para um maior conhecimento da(s) realidade(s) em que vivem os estudantes, os diferentes contextos dos quais são oriundos, pois muitas vezes a África é vista de modo homogêneo, quase como um país e não um continente que contém diversidades e contradições internas.

Outro aspecto positivo a ressaltar no estudo é a percepção de que gradativamente vem se consolidando a idéia da construção de uma comunidade científica africana. Como exemplos, podemos citar a formação da Academia Moçambicana de Ciências (nos moldes da SBPC); a realização de uma reunião em Guiné-Bissau para refletir sobre a formação de uma organização científica dos diplomados; bem como as iniciativas locais (percebidas especialmente em Moçambique) de busca de fortalecimento da CODESRIA – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África.

Quanto à forma de atuação do profissional formado, percebe-se que há um comprometimento “geracional” com o desenvolvimento do seu país. Outro ponto comum é a grande atuação dos formados na área pública estatal em seus países. No Brasil, há grande valorização de uma trajetória individual de sucesso acadêmico. Já nos países visitados, percebe-se que junto com esse sucesso individual busca-se um sucesso coletivo: ajudar seu país é algo que faz parte da formação, há uma busca de atuar “nos destinos do país”, o que demonstra o sucesso do convênio PEC-G e de seus objetivos.

Tratando-se o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) de uma das políticas públicas na área da educação, é importante realizar estudos que permitam dimensionar as possíveis transformações ocorridas após a diplomação e retorno ao país de origem dos estudantes, de modo a compor um quadro nacional e internacional sobre os resultados do PEC-G, frente aos índices de desenvolvimento dos países em questão.

⁹ Por exemplo, em Moçambique, a moeda é o Metical, cuja proporção em relação ao real estava na ordem de 1/20; em Cabo Verde, a moeda são os Escudos cabo-verdianos, os quais se encontravam na proporção de 1/110 Euros; ou ainda 1/42 em relação ao real; em Guiné-Bissau, a moeda é o Franco CFA, que estava na proporção de 1/250 em relação ao real.

Bibliografia

- Alberguini**, Audre et al. "Africanos no Brasil: dubiedade e estereótipos". Brasil: migrações e identidades. <http://www.consciencia.br/reportagens/migracoes/migr11.htm> (acessado em 10 de Novembro de 2012).
- Andrade**, Ana Maria Jung de. "Adaptação e Integração de estudantes-convênio à UFRGS". Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia da UFRGS, março de 2008.
- Barcellos**, Daisy M. Família e ascensão social de negros em Porto Alegre. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, 1996.
- Barcellos**, Daisy M. et all. Comunidade Negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004 a.
- Barcellos**, Daisy M. Violência racial e ofensa social: o ódio do outro e sua desqualificação. In: Fonseca, Claudia et all. Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004 b.
- Geertz**, Clifford. Os usos da diversidade. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, Ano 5, no. 10, p. 13-34, maio 1999.
- Gilroy**, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed.34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2008.
- Jardim**, Denise Fagundes e **Magalhães**, Nara Maria Emanuelli. Televisão e imigração palestina: perigos e invisibilidades no trabalho de campo antropológico. In: IBEROAMERICA Global. The Hebrew University of Jerusalem. Vol. 2, N. 1, Feb 2009.
- Goldemberg**, Miriam. A arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.
- Kaly**, Alain Pascal. Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial. Documento apresentado no Seminário Migrações Internacionais: contribuições para Políticas. Brasil, Comissão Nacional para o Desenvolvimento da População (CNDP), 2000. http://www.cnpd.gov.br/public/obras/migracoes_frm.htm (acessado em 10 de junho de 2005)
- Kaly**, Alain Pascal. O Ser Preto africano no "paraíso terrestre". Um sociólogo senegalês no Brasil. Lusotopie, 2001, pp105-121: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/resu10006.html> (acessado em 10 e 25 de agosto de 2005).

Lopes, Ana Maria D'Ávila. Multiculturalismo, minorias e ações afirmativas: promovendo a participação política das mulheres. *Pensar*, Fortaleza, v. 11, p. 54-59, fev. 2006.

Magalhães, Nara M.E. e Benites, Andréa. Travessias e trajetórias de jovens africanos em busca de formação universitária no Brasil. In: GT 36, "La Antropología frente a la complejidad del fenómeno migratório", X Congreso Argentino de Antropología Social, Buenos Aires, Argentina, 2011.

Mungoi, Dulce Maria Domingos Chalé. "O Mito Atlântico": Relatando experiências singulares de mobilidade nos estudantes africanos em Porto Alegre. O jogo de reconstrução de suas identidades étnicas. Dissertação de mestrado, PPGAS/UFRGS, 2006.

Novaes, Sylvia Caiuby. Jogo de Espelhos: Imagens da representação de Si Através dos Outros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

Oliven, Arabela C. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. *Educação*, ano XXX, n.1 (61), p. 29-52, jan./abr. 2007.

Uriarte, Pilar C. Bálamo. Perigoso é não correr perigo: experiências de viajantes clandestinos em navios de carga no Atlântico Sul. Tese de doutorado, Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2009.